

## ENTREVISTA

Guy Brett

## 'A Documenta é um novo salão'

Apaixonado por arte brasileira, o crítico inglês Guy Brett fala das mostras internacionais e de Hélio Oiticica

O inglês Guy Brett foi o primeiro crítico estrangeiro a reconhecer, ainda nos anos 60, que brasileiros como Hélio Oiticica, Lygia Pape e Lygia Clark estavam mostrando algo novo para a arte mundial. Nunca mais se distanciou do Brasil e também escreveu textos im-

portantes sobre Cildo Meireles e Tunga, da geração seguinte. Brett esteve no Rio até terça-feira. Veio para a abertura da mostra de Sonia Lins, irmã de Lygia Clark, e aproveitou para ver a exposição sobre Hélio no MAM e o penetrável do artista montado no meio

da Floresta da Tijuca, no Museu do Açu. Crítico em relação a grandes exposições como a Bienal de Veneza e a Documenta de Kassel, ele mantém o entusiasmo com o caminho aberto pelo Neoconcretismo em termos de arte participativa.

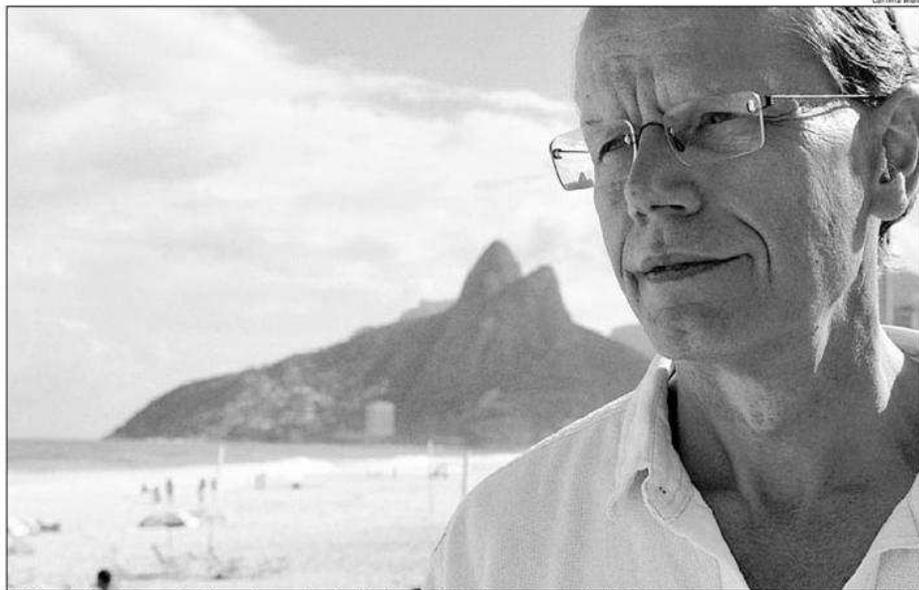
## Daniela Neme

O GLOBO: A 11ª Documenta de Kassel começa no dia 3 de junho e nunca houve tantos artistas asiáticos e africanos selecionados. Há também uma aposta em artistas muito jovens, que ainda não têm uma carreira madura. Como o senhor vê isto?

GUY BRETT: Não vou para a abertura da Documenta, mas quero ver a exposição depois. É importante ir ver, mas acho que exposições como a Documenta e a Bienal se transformaram em grandes shows, um pouco repetitivos. Há coisa boa, mas há muita falta de critério. De certa maneira, estas mostras cumprem hoje o papel que foram dos salões no passado. A Documenta é um grande salão.

• De que forma a arte brasileira chamou a atenção do senhor pela primeira vez?

BRETT: A primeira vez que vim ao Brasil foi em 1964. Eu já tinha encontrado com Sérgio Camargo em Paris e conhecia nomes como Hélio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape, Mira Schendel. Mas ainda não tinha a idéia de que formavam um grupo especial. Quando vim, soube que ali havia algo diferente. Outros críticos, como Pierre Restany, tinham ficado muito impressionados com a arte brasileira, mas tinham dificuldade de escrever sobre ela, porque não é comparável à arte europeia ou à americana. Talvez por isso o Neoconcretismo não tenha sido reconhecido. Mas é um movimento que tem a mesma importância de movimentos como o Minimalismo, a Pop Art, a arte conceitual. Muitos artistas foram tocados pelas noções de participação, subjetividade e desejo dos neoconcretos, mas isso nunca foi suficiente estudado. Talvez porque a arte participativa quebra uma série de estruturas de poder e dá um outro status ao espectador e aos objetos. Os brasileiros têm um modo muito



GUY BRETT na Praia de Ipanema. Ele diz que o Neoconcretismo brasileiro ainda não foi suficientemente reconhecido: "É tão importante quanto o minimalismo ou a arte conceitual"

particular de articular esta participação.

• Recentemente, críticos brasileiros têm tentado aproximar o Neoconcretismo do Minimalismo americano, que revelou artistas como Frank Stella. O que o senhor pensa disso?

BRETT: É possível aproximar os dois movimentos pela herança geométrica de Max Bill e Mondrian. E também há relações entre a obra de Hélio Oiticica e Robert Smith. Mas não dá para aproximar os dois em termos de estilo, as motivações são muito diferentes.

• O Museu de Arte Moderna do Rio está apresentando uma exposição de Hélio Oiticica ("Hélio Oiticica — Obra e estratégia") que mostra trabalhos da época do Grupo Frente. Talvez sejam obras com as quais o senhor tem menos familiaridade. Quais são suas impressões sobre elas?

BRETT: É verdade que não conhecia estes trabalhos muito bem e fiquei muito surpreso. Também não podia conceber a quantidade de projetos e anotações que Hélio guardava de maneira tão organizada. Ele era extraordinariamente metódico! Luciano Figueiredo

(curador da mostra no MAM) conseguiu fazer uma exposição importantíssima. A combinação do lado mais selvagem de Hélio com as obras mais velhas é fascinante.

• No MAM, é possível ver a obra de Hélio antes e depois da mudança para Nova York. Que transformações a saída do Brasil provocou em seu trabalho?

BRETT: Acredito que Hélio chegou em Nova York muito empolgado, mas, depois de um ano da cidade, já estava bastante desiludido. Tenho uma carta deste período e, no fim dela, ele é bastante crítico,

o que me fez lembrar como García Lorca descreveu Nova York, de uma maneira nada gentil, como um lugar pouco humano.

• Mas, no período novo-iorquino, a obra de Hélio passou a ser contaminada pela iconografia americana. O senhor acha que, de certa maneira, ele trocou Mondrian pelos Rolling Stones? O senhor acha que ele tinha o desejo de ser reconhecido como grande artista nos Estados Unidos?

BRETT: Hélio nunca quis ser um artista de carreira, mas queria fazer contato intelectual com os jovens artistas no-

va-iorquinos. Alguns, acabou achando muito chatos. Apesar de tudo, Nova York foi essencial em termos pessoais, porque ele estava longe de casa, longe do pai, longe das convenções brasileiras. E pôde liberar sua sexualidade, seu homoerotismo.

• Que relações o senhor vê entre a obra de Hélio e Lygia Clark e a de artistas como Cildo Meireles, da geração seguinte?

BRETT: Cildo se aproxima de Hélio nas questões do espaço. Mas toca nesta questão de uma maneira muito particular e irônica. ■

Nelson Freire/Chopin: Maior pianista do Brasil dá um show de virtuosismo e musicalidade

## Um Chopin para ficar na História

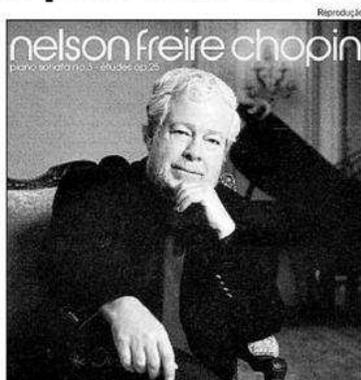
Luiz Paulo Horta

Um CD individual de Nelson Freire é uma raridade. O maior pianista vivo do Brasil, ao que tudo indica, não é o tipo de músico que se sente bem num estúdio de gravação. Daí que seus registros sonoros mais recentes tenham sido com orquestra, ou com parceiros suprescolhidos como Martha Argerich.

Isto dá um sabor especial ao CD "Nelson Freire/Chopin", que agora aparece com o selo prestigioso da Decca (inglesa). O repertório também é especial (só Chopin): a Sonata op. 58 e os 12 Estudos do op. 25. Mundos muito diferentes. A sonata é um Chopin maduro, espaçoso, em quatro movimentos. Caminha em episódios suaves, como se alguém contasse uma história maravilhosa.

"Febre" chopiniana só no último movimento

Aqui, temos o lado clássico de Nelson. Ele está perfeitamente à vontade na sonata, com o seu som deslumbrante — e isso tem um efeito paradoxal: tudo muito cozy, muito confortável, sempre belíssimo; mas, de algum modo, está ausente uma certa "febre" chopiniana que é parte importante de tudo o que Chopin es-



A CAPA DO CD: uma sonata e 12 estudos em interpretação grandiosa

creveu. Ela só aparece no último movimento — um Presto difícil, de que pouquíssimos pianistas dominam todas as dificuldades. Nelson está além das dificuldades técnicas — e só esse movimento já justificaria a inclusão da sonata neste CD.

Diferente é o caso dos 12 Estudos op. 25. Aqui, não há acomodação possível — mesmo se esse extraordinário conjunto de peças tem os seus mo-

mentos de repouso, e até de contemplação. Desalido, Nelson apresenta uma interpretação que se equipara às melhores existentes. O ouvinte vai de uma surpresa a outra, envolvido num *tour de force* de virtuosismo e musicalidade. Logo no primeiro estudo, o piano funciona como uma harpa, produzindo longos arpejos que se fundem uns nos outros. A sensação é de tranquilidade olímpica, e aqui já

transparece a técnica fenomenal de Nelson, que parece ter nascido com ele, e ser um produto da natureza, mais que um esforço heróico de adestramento e vontade. O n. 5 é um dos mais famosos — arpejos rápidos, com pequenas apogaduras, até que entra o canto sublime, pairando sobre as ágeis progressões harmônicas. Quem terá feito isso com tanta beleza e limpidez? Um Horowitz, talvez.

Intimo, como num filme de Bergman

O n. 6 é um estudo em tercias, assombrosamente difícil, que Nelson transforma num sonho pianístico. O 7 começa grave, também é um sonho romântico; depois cresce, com a mão esquerda poderosa, sem nunca deixar de ser uma espécie de conversa íntima, como num filme de Bergman.

O décimo é uma tempestade em oitavas, que só os grandes pianistas são capazes de dominar. O 11 é um clima chopiniano — clareza suprema no meio do turbilhão; uma selvageria controlada que produz o maior efeito. De novo, uma interpretação de sonho, absolutamente limpa, empolgante. E o último é o fecho definitivo, com suas progressões harmônicas e seus arpejos incandescentes. Uma versão para ficar na História. ■

## Teatro teve público de 1,6 milhão em 2001

No Rio, a peça mais vista foi 'Cocégas', e em São Paulo, o espetáculo 'Vitor ou Vitória'

Roberta Oliveira

S e não são surpreendentes, já que é sabido que o número de frequentadores de teatro é menor do que dos de cinema, por exemplo, os dados divulgados pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (Sbat) na última edição da sua "Revista de teatro" não deixam de ser chocantes. Segundo a Sbat, 1.648.165 pessoas foram ao teatro no ano passado no Brasil inteiro, número pouco superior ao do de espectadores do filme "Homem-Aranha" apenas no primeiro fim de semana de exibição, também em todo Brasil: 1.229.312.

No Rio, sempre segundo dados da Sbat, "Cocégas", de Heloísa Perissé e Ingrid Guimarães, foi a peça adulta mais vista no ano passado, no Rio de Janeiro. O espetáculo, ainda em cartaz no Teatro das Artes, foi assistido por 25.330 pessoas. Seguem-se "South American way", de Miguel Falabella e Maria Carmen Barbosa (18.623); "Alta sociedade", de Mauro Rasi (18.038); "Três homens barbados", de Rodrigo Murat (13.534); "Boeing boeing", de Marc Camoletti (13.470); "Pijama para seis", também de Camoletti (11.121);

"O avarento", de Mollière (9.158); Conduzindo Miss Daisy, de Alfred Uhry (6.076); "Casa de boneca", de Ibsen (5.974); e "Um Porto para Elizabeth Bishop", de Marta Góes (5.103).

Maria Clara Machado continua sendo a preferida

No teatro infantil, a preferência do público recalcu sobre as peças de uma autora só: Maria Clara Machado. Além de a peça mais assistida no Rio ter sido a sua versão de "O patinho feio" (6.584), seu nome aparece em mais três dos oito espetáculos listados: "Tribô City" (4.757), "A bruxinha que era boa" (2.980) e "O cavaleiro azul" (1.750), terceira, quarta e oitava montagens mais assistidas no ano passado, respectivamente.

Em São Paulo, o ranking é liderado pelo musical "Vitor ou Vitória", de Blake Edwards, que foi assistido por 37.645 espectadores. O espetáculo estrelado por Marília Pêra é seguido por "Os miseráveis" (13.085). "Qualquer gato virado tem uma vida sexual mais saudável do que a nossa" (9.818), "Evangélio segundo Jesus Cristo" (8.030), "Lisbela e o prisioneiro" (5.867) e "Blue jeans" (4.906). ■